

Algumas novidades para a flora ibérica

por

J. G. GARCIA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, dedicado à memória do egrégio botânico espanhol D. António José Cavanilles, constitui uma modesta contribuição para um mais completo conhecimento da flora da Península Ibérica.

Nele fazemos referência a um género, três espécies e quatro formas não mencionados nas obras relativas à florística peninsular, assim como a um género, uma espécie, uma variedade e uma forma novos para a flora de Portugal. Algumas destas plantas são subespontâneas, encontrando-se, todavia, perfeitamente naturalizadas em diversos países da Europa. Por este motivo, não hesitamos em propôr que sejam incluídas nas obras de florística ibérica que venham a publicar-se.

Depois de breves considerações sobre cada planta, referimos à sinonímia, e indicamos os espécimes pelo local onde foram colhidos, data da herborização, nome do colector e número de ordem. Os herbários onde se encontra o material são indicados pelas abreviaturas propostas por J. Lanjouw in *Chronica Botanica* V (1939) 142-150.

A ordem seguida na exposição dos assuntos é a da 2.^a edição da *Flora de Portugal* de Pereira Coutinho (1939).

Deixamos aqui consignado o nosso profundo reconhecimento ao Consejo Superior de Investigaciones Científicas, por todas as facilidades que nos concedeu e que tornaram possível a nossa participação no Congresso comemorativo do II Centenário do insigne botânico Cavanilles.

Muito grato ficamos ainda aos botânicos da Nação irmã, pela gentileza e amabilidade com que nos distinguiram durante as comemorações, e que jamais poderemos olvidar.

GRAMINEAE

Ehrharta Thunb.

Ehrharta erecta Lam.

Entre as gramíneas subespontâneas recentemente herborizadas em Portugal, destaca-se *Ehrharta erecta* Lam., como uma das mais curiosas, pela frequente ramificação dos seus colmos e pelo seu heteromorfismo floral. Trata-se de uma espécie vivaz, pertencentes à tribo das *Phalarideae*, e originária da África do Sul, hoje largamente disseminada na África Oriental, Arábia, Ilhas Mascarenhas, Índia e Itália (est. I).

É muito provável que a introdução desta espécie em Portugal fosse devida à aquisição de sementes pelo Jardim Botânico de Coimbra, de onde a planta teria fugido das culturas, ou à vinda de cariopses com produtos importados de outros países.

Dado o seu vigor vegetativo e notável poder de propagação, parece-nos que, à semelhança do que se tem feito com outras plantas subespontâneas, *Ehrharta erecta* Lam. deve ser registada nas obras relativas à flora ibérica.

EHRHARTA Thunb. in *Vet. Akad. Handl. Stockholm* (1779) 216, t. 8 (nomen conservandum).

Trochera L. C. Rich. in *Journ. Phys.* XIII (1779) 225, t. 3.

EHRHARTA ERECTA Lam., *Encycl. Méth. Bot.* II (1786) 347, t. 263, f. 1.

Ehrharta panicea Sm., *Pl. Icon. Ined.* (1789) t. 9.

Melica festucoïdes Licht. ex Roem. et Schult., *Syst.* II (1817) 530, non Willd. ex Steud.

Panicum deflexum Guss. in Ten., *Fl. Nap.* V (1835-1836) 320.

Trochera panicea O. Kuntze, *Rev. Gen. Pl.* II (1891) 795.

ESPÉCIMES: Coimbra: Cerca de S. Bento, 6-5-1946, F. Sousa s. n., COI.; Coimbra: Quinta de Santa Cruz, 7-5-1946, F. Sousa, s. n. COI.; Coimbra: Lomba da Arregaça, 14-6-1946, F. Murta s. n. COI.

Stipa L.*Stipa setigera* Presl

En Maio de 1945, o Sr. P.º Póvoa dos Reis, dedicado membro da Sociedade Broteriana, herborizou na Cerca do Seminário de Coimbra uma interessantíssima gramínea vivaz, que ali vegeta subespontâneamente há alguns anos, e cujo estudo taxonómico nos foi confiado.

Procedendo à determinação, verificámos, que a planta correspondia perfeitamente aos exemplares de *Stipa intricata* Godr. e *St. Neesiana* Trin. et Rupr., colhidos nos lugares clássicos de França e Argentina, e existentes no herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra. Ora, os nomes aribuídos a esses exemplares são actualmente considerados sinónimos de *St. setigera* Presl, espécie não mencionada na Flora de Portugal e que determinámos pelas chaves dicotómicas que Spegazzini (1901) apresenta no seu importante trabalho *Stipae Platenses* (est. II) (1).

Esta espécie, própria da Argentina e Uruguay (2), é subespontânea em alguns países da Europa, entre os quais se contam a França, Alemanha e Itália. A introdução da planta nestes países foi atribuída a sementes vindas casualmente da Argentina com produtos importados, entre os quais figuram a lã, peles e cereais. Assim se justifica o aparecimento da planta nas proximidades de lavandarias, pelames, moinhos, etc., que recebem da Argentina esses produtos. Em Portugal é muito provável que a planta tenha sido introduzida com os trigos importados daquele país, visto

(1) Ascherson e Graebner (1899) consideram *Stipa intricata* Godr. et *St. setigera* Presl (= *St. Neesiana* Trin. et Rupr.) espécies afins, mas distintas. Segundo alguns autores mais modernos, tais como Spegazzini (1901), Sommier (1904) Thellung (1912) e outros, *St. intricata* Godr. é apenas um sinónimo de *St. setigera* Presl. Vide: Ascherson et Graebner, *Syn. Mitteleur. Fl.* II 1 (1899) 113; Spegazzini in *An. Mus. Nac. Montev.* IV 2 (1901) 94; Sommier in *Bull. Soc. Bot. Ital.* (1904) 115; Thellung, *Fl. Advent. Montp.* (1912) 94

(2) O Index Kewensis cita erradamente a América boreal ocidental como pátria desta gramínea. Segundo refere Spegazzini (*l. c.* 78), alguns autores da América do Norte deram, por engano, o nome de *Stipa setigera* a exemplares de herbário pertencentes à espécie *St. tenuis* Phil.

que foi herborizada perto dos celeiros, anexos ao edifício da Seminário de Coimbra.

Desconhecemos, por ora, a extensão da área ocupada por esta espécie em Portugal. Devemos, porém, dizer que *St. setigera* Presl pode vir a ser perniciosa à economia rural, pois que os frutos, armados de forte arista e de um pé (antopódio) provido de ponta vulnerante, constituem uma espécie de dardos, capazes de atravessar a pele dos animais, penetrando, de tal modo, na carne, que podem ocasionar-lhes graves doenças. Por vezes, acontece que a penetração se efectua pelos olhos, produzindo a cegueira ou supurações, de que pode resultar a morte do animal. O gado ovino é o mais cruelmente atingido.

STIPA SETIGERA Presl, *Reliq. Haenq.* I (1830) 226.

Stipa Neesiana Trin. et Rupr. in *Mem. Acad. St.-Petersb. sér.* 6 V (1442) 27 [1846, sec. Spieg. 1., c.].

Stipa intricata Godr. in *Mém. Acad. Montp., Sect. Méd., I* (1853) 449 [1858, sec. Spieg., 1. c.].

ESPÉCIMES: Coimbra: Cerca do Seminário, 3-5-1945, P.º Póvoa dos Reis s. n., COI.

GERANIACEAE

Geranium L.

Geranium molle L. forma *Seguieri* Paol.

En Maio de 1944, o Rev.º Barros Carneiro, devotado membro da Sociedade Broteriana, herborizou nos arredores de Bragança uma interessante forma albina de *Geranium molle* L. Trata-se de *G. columbinum villosum*, *petalís bifidís albís* Séguier, planta cujo nome válido é *G. molle* L. forma *Seguieri* Paol.

Esta forma, bastante rara, é nova para a flora portuguesa.

GERANIUM MOLLE L. forma SEGUIERI Paol in *Fiori et Paol., Fl. Anal. Ital.* II (190-1902) 235.

[*Geranium columbinum villosum*, *petalís bifidís albís* Séguier, *Suppl.* (1754) 210].

[*Geranium molle* L. β *floribus albís* Parl., *Fl. Ital.* V (1872) 183].

ESPÉCIMES: Arredores de Bragança, 15-5-1944, P.º A. Carneiro 449, COI.

UMBELLIFERAE

Eryngium L.***Eryngium pandanifolium* Cham. et Schlecht.**

Há mais de cinquenta anos que os habitantes das cercanias de Lares, pr. Figueira da Foz, vêm notando a progressiva invasão das valas dos campos por uma curiosa planta vivaz, a que dão o nome de *piteirão*, dada a semelhança que as suas folhas apresentam com as da piteira (*Agave americana* L.). Trata-se da espécie *Eryngium pandanifolium* Cham. et Schlecht., originária (como todas as espécie de *Eryngium* L. de folhas paralelinérveas) da América do Sul.

Actualmente a área de distribuição da planta em Portugal estende-se pelos campos do Mondego, desde Alfarelos até as proximidades da Figueria da Foz, em uma extensão aproximada de 15 km.

E. André refere que viu no Uruguay esta espécie guarnecer os ribeiros associada com *Gynerium argenteum* Nees e outras gramineas, mas que não era aí mas bela que no sul da França, onde, tendo fugido dos jardins, se naturalizou nas margens de algumas torrentes (3). É muito provável que em Portugal a planta tivesse também fugido dos jardins (possivelmente, do Jardim Botânico de Coimbra), para se estabelecer na região onde se encontra, e na qual os exemplares atingem grande desenvolvimento e notável beleza, ultrapassando frequentemente três metros de altura, e dando à paisagem uma fisonomia típica (est. III e IV).

O poder de propagação de *E. pandanifolium* Cham. et Schlecht. em Portugal é extraordinário, o que mostra que esta espécie se encontra perfeitamente naturalizada no país. A este respeito, bastará dizer que, não obstante o facto de a planta ser colhida muitas vezes, e em grandes quantidades, segundo testemunho dos camponeses, ela continua a multiplicar-se cada vez mais.

Pelos motivos expostos parece-nos que *E. pandanifolium* Cham. et Schlecht., registado no Index Seminum do Instituto Botânico

(3) Vide E. ANDRÉ in *Rev. Hort.* (1893) 421, nota 1.

da Universidade de Coimbra, para os anos de 1943 a 1946, bem merece ser mencionado como subespontâneo nas obras de florística ibérica que venham a publicar-se.

ERYNGIUM PANDANIFOLIUM Cham. et Schlecht. in *Linnaea* I (1826) 336 (err. 236).

Eryngium oligodon Griseb., Symb. (1879) 146 tant. quoad descr. et pl. Entrer.

ESPÉCIMES: Lares, 29-10-1943, J. G. Garcia 273, COI.

GENTIANACEAE

Erythraea Borkh.

Erythraea Centaurium (L.) Pers. forma *albiflora* Goiran

Durante a exploração botânica que realizámos em Julho de 1945 através do Minho, tivemos ensejo de herborizar em Monção belos exemplares de uma curiosa forma albina de *Erythraea Centaurium* (L.) Pers. forma *albiflora* Goiran, não mencionada na Flora de Portugal.

ERYTHRAEA CENTAURIUM (L.) Pers. forma *ALBIFLORA* Goiran [1904, sec. Fiori et Paol., *Fl. Anal. Ital.* IV (1907-1908) 165].

ESPÉCIMES: Monção, nas margens da estrada das Caldas, 13-7-1945, J. G. Garcia 737, COI.

LABIATAE

Salvia L.

Salvia clandestina L. forma *albiflora* (Strobl) nob.

Em Maio de 1944, o Sr. P.º Barros Carneiro herborizou nas proximidades de Bragança uma labiada que verificámos corresponder à variedade broteriana *Salvia verbenacoides, corolla alba*, mencionada na Flora Lusitanica. Trata-se de uma rara e curiosa forma albina, que denominamos *S. clandestina* L. forma *albiflora* (Strobl) nob., não referida na Flora de Portugal.

SALVIA CLANDESTINA L. forma *ALBIFLORA* (Strobl) nob., n. comb.

Salvia verbenaca var. *clandestina* forma *albiflora* Strobl sec. A. Béguinot in Fiori et Paol., *Fl. Anal. Ital.* III (1903-1904) 53'. [*Salvia verbenacoides* δ , *corolla alba* Brot., *Fl. Lusit.* I (1804) 17].

[*Salvia hiemalis* Brot., *Phyt. Lusit.* II (1827) 3, p. p.]

ESPÉCIMES: Arredores de Bragança, 18-5-1944, P.º A. Carneiro 450, COI.

Lamium L.

Lamium purpureum L. forma *albiflorum* Goiran

Em Março de 1945, o empregado J. Matos, durante a colheita de sementes destinadas ao serviço de permutas do Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, herborizou em S. Romão, arredores de Coimbra, uma interessante forma albina de *Lamium purpureum* L.

Procedendo à cultura da planta no Jardim Botânico de Coimbra, verificámos que, no ano corrente (1946), a corola se manteve branca. Deve tratar-se, pois, de uma linha pura, correspondente a *L. purpureum* L. forma *albiflorum* Goiran, não mencionado na Flora de Portugal.

LAMIUM PURPUREUM L. forma ALBIFLORUM Goiran [sec. Fiori et Paol., *Fl. Anal. Ital.* III (1903-1904) 36].

ESPÉCIMES: Coimbra: S. Romão, 22-3-1945, J. Matos s. n., COI.

SCROPHULARIACEAE

Linaria Juss.

Linaria saxatilis (L.) Hoffgg. et Link

var. *rubella* (Mer.) nob.

Em Junho de 1945, durante a colheita de sementes destinadas ao serviço de permutas do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, o empregado J. Matos encontrou nas aluviões do Mondego, Choupal, pr. Coimbra, alguns exemplares de *Linaria* Juss., bastante semelhantes ao tipo de *L. saxatilis* (L.) Hoffgg. et Link,

mas diferindo dele, essencialmente, pela menor viscosidade, e pela côr avermelhado-purpúrea do esporão.

Depois de visitarmos o local onde a planta foi encontrada e colhermos exemplares com flores e frutos bem desenvolvidos, procedemos à determinação, verificando tratar-se de *L. Tournefortii* var. *rubella* Mer., nova para a flora de Portugal, e que nos parece dever antes ser considerada uma variedade de *L. saxatilis* (L.) Hoffgg. et Link var. *rubella* (Mer.) nob (est. V). A nossa opinião corrobora o parecer do próprio Merino, que indica a possibilidade de a planta pertencer à espécie lineana *Antirrhinum saxatile*.

Como nota curiosa, diremos que Merino atribui a variabilidade da côr do esporão e da parte inferior da corola ao maior ou menor afastamento do mar. Parece-nos, porém, que se trata de caracteres determinados geneticamente, visto encontrarmos no mesmo local individuos pertencentes ao tipo específico e à variedade misturados com formas intermediárias, resultantes, com toda a probabilidade, de cruzamentos entre eles.

LINARIA SAXATILIS (L.) Hoffgg. et Link var. RUBELLA (Mer.) nob., n. comb.

Linaria Tournefortii var. *rubella* Mer., *Contr. Fl. Gal. Supl.* IV (1904) 36 in *Mem. Soc. Esp. Hist. Nat.* II (1904) 490.

ESPÉCIMES: Coimbra: Choupal, pr. Estação Velha, 20-6-1945, J. Matos s. n., COI.; *ibid.*, 21-6-1945, J. G. Garcia et J. Matos s. n., COI.; Choupal, entre a ponte do caminho de ferro e o ramal de Coimbra, nas aluviões do rio Mondego 21-6-1945, J. G. Garcia 538, COI.

Ilysanthes Rafn.

Ilysanthes dubia (L.) Barnh.

Em Agosto de 1945, durante a colheita de sementes destinadas ao serviço de permutas do Instituto Botânico Dr. Júlio Henriques, foi encontrada pelo empregado J. Matos, nas represas da mata de Foja, pr. Montemor-o-Velho, uma interessante escrofulariácea da tribo das Gratiroleae, desconhecida para o colector e com acentuadas características de planta subespontânea.

Procedendo à determinação, verificámos tratar-se do género

Ilysanthes Rafin. e da espécie *I. dubia* (L.) Barnh. (= *I. grattoloides* Benth.) não mencionados na Flora de Portugal (est. VI)

Esta espécie, originária da América tropical e hoje largamente disseminada em várias regiões temperadas do globo, encontra-se registada em obras respeitantes à flora de diversos países da Europa, entre os quais podemos citar a Espanha, França e Itália.

Em Novembro do mesmo ano, *I. dubia* (L.) Barnh. foi herborizada nos paúis de S. Facundo, pr. Coimbra, pelo mesmo collector. Mais tarde, tivemos conhecimento de que, no mês de Agosto acima referido, também o Sr. Bento Rainha, collector da Estação Agronómica Nacional, havia colhido a planta entre Benavente e S. Brás de Alportel, nos alagadiços do rio Sorraia, tendo-nos sido confiada a publicação desta notícia pelo facto de já termos assinalado no Index Seminum do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra para o ano de 1946, a existência de *I. dubia* (L.) Barnh. em Portugal.

Relativamente à introdução desta espécie no país, parece-nos muito provável que se tenha efectuado por meio de sementes vindas da América com productos importados. Esta hipótese foi a adoptada por Rouy, para explicar o aparecimento da planta em França. Pode, também, admitir-se que a disseminação se tenha efectuado naturalmente de Espanha para Portugal, o que nos parece menos provável, visto que a planta não foi ainda encontrada nas regiões compreendidas entre as localidades espanholas e portuguesas onde tem sido herborizada.

A semelhança do que se tem feito em outros países, o género *Ilysanthes* Rafin. e a espécie *I. dubia* (L.) Barnh. devem ser incluídos nas obras relativas à flora portuguesa

ILYSANTHES Rafin., *Ann. Nat.* (1820) 13.

ILYSANTHES DUBIA (L.) Barnh. in *Bull. Torr. Bot. Club* (1899) 376.

Gratiola dubia L., *Sp. Pl.* (1753) 17.

Gratiola anagallidea Michaux, *Fl. Bor. Amer.* I (1803) 5.

Lindernia dilatata Muehl., *Cat.* (1813), ex Elliot, *Sketch* I (1821) 16.

Lindernia attenuata Muehl., *l. c.* 17.

Lindernia Pyxidaria Purch, *Fl. Amer. Sept.* II (1814) 419, non All.

Herpestis callitrichoides Humb., Bonpl. et Kunth, *Nov. Gen. et Sp.* II (1817?) 367.

Ilysanthes riparia Rafin., *l. c.*

Gratiola dilatata Muehl. ex Spreng., *Syst. Veg.* I (1825) 39.

Gratiola attenuata Spreng., *l. c.*

Morgania callitrichoides Spreng., *l. c.* II (1825) 803.

Ilysanthes brevipes Rafin., *Aut. Bot.* (1840) 45.

Ilysanthes anagallidea et *dilatata* Rafin., *l. c.* 46.

Ilysanthes gratioloides Benth. in DC., *Prod.* X (1846) 419, excl. syn. *Capraria gratioloides* L.

Ilysanthes attenuata Rafin. ex Benth. in DC. *l. c.*

Gratiola riparia Rafin. ex Benth. in DC. *l. c.*

Lindernia gratioloides Lloid et Fouc., *Fl. Ouest Fr.* éd. 4 (1886) 246, non Poir.

ESPÉCIMES: Mata de Foja, nas represas, 28-8-1945, J. Matos s. n., COI.; S. Facundo, 6-11-1945, J. Matos s. n., COI.; entre Benavente e S. Brás, no leito do rio Sorraia, terreno encharcado, 27-8-1945, Bento Rainha 776, COI., LISE.

COMPOSITAE

Phalacrocarpum Willk.

***Phalacrocarpum oppositifolium* (Brot.) Willk.**

forma ***macrocephalum* Willk.**

Entre os exemplares de *Phalacrocarpum oppositifolium* (Brot.) Willk. herborizados por nós na Serra da Estrela, destaca-se um, particularmente notável pelo tamanho dos seus capítulos, os quais atingem 53 mm. de diâmetro. Este exemplar pertence à forma *macrocephalum* Willk., não mencionada na Flora de Portugal.

PHALACROCARPUM OPPOSITIFOLIUM (Brot.) Willk. forma MACROCEPHALUM Willk., *Ill. Fl. Hisp.* II (1866-1892) 144, t. 175, f. 2.

ESPÉCIME: Serra da Estrela: Poço do Inferno, 6-5-1943, J. G. Garcia 228 A, COI.

A espécie *Phalacrocarpum oppositifolium* (Brot.) Willk. foi originalmente descrita por Brotero (1804) na *Flora Lusitanica*, sob

o binome *Chrysanthemum oppositifolium*. Em 1805, Lagasca, referindo-se à mesma espécie, atribui-lhe o binome *Ch. anomalum*. Poirét (1813) denomina-a *Matricaria anomala*, não aludindo à existência desta composta em Portugal, o que prova que o autor desconhecia o binome publicado por Brotero. Hoffmanssegg e Link (1820), na sua *Flore Portugaise*, descrevem, sob o binome *Chrysanthemum Hermínii* a espécie broteriana, à qual fazem referência na sinonímia, dizendo que foram eles que a comunicaram ao nosso naturalista. Sprengel (1826) dá à mesma espécie o binome *Pyrethrum oppositifolium*, utilizando, assim, o epíteto específico broteriano. De Candolle (1827), transfere a espécie lagascana para o género *Leucanthemum*, não fazendo referência a *Chrysanthemum oppositifolium* Brot. Lange (1860-1865) dá à planta a denominação *Pyrethrum anomalum*, e justifica a escolha do epíteto específico da autoria de Laasca, dizendo: «*Chrysanthemum oppositifolium* Brot., ex descriptione certissime eadem species est, sed nomen Lagascanum antiquius est ideoque conservandum». Esta afirmação de Lange está, porém, em desacordo com as datas das publicações de Brotero (1804) e Lagasca (1805). O próprio Lange, em 1870, de colaboração com Willkomm, reconhece a prioridade ao restritivo broteriano, adoptando no *Prodromus Florae Hispanicae* o binome *Phalacrocarpum oppositifolium* (Brot.) Willk., que é, sem dúvida, o nome válido da espécie. Pereira Coutinho (1913), porém, substitui este nome por *Ph. anomalum*, baseando-se, possivelmente, na frase de Lange que transcrevemos acima, e que, como vimos, não pode ser considerada para a determinação da prioridade. Sampaio (1913) incorpora, como De Candolle, a espécie em questão no género *Leucanthemum*, mas dando a prioridade ao epíteto da autoria de Brotero.

Assim, teremos, para a espécie, a sinonímia seguinte:

PHALACROCARPUM OPPOSITIFOLIUM (Brot.) Willk. in *Bot. Zeit.* XXII (1864) 252.

Chrysanthemum oppositifolium Brot., *Fl. Lusit.* I (1804) 381.

Chrysanthemum anomalum Lag., *Varied. Cicnc.* II 4 (1805) 40; *Nov. Gen. et Sp.* (1816) n. 378.

Matricaria anomala Poir., *Encycl. Méth. Bot. Suppl.* III (1813) 60R.

Chrysanthemum Hermínii Hoffgg. et Link., *Fl. Port.* II (1820)

331, t. 101, ic. plantae, non f. 1, 2 et 3; et t. 102, f. 1, 2 et 3, non ic. plantae (4).

Pyrethrum oppositifolium Spreng., *Syst. Veg.* III (1826) 585.

Lencantheum anomalum DC., *Prodr.* VI (1837) 49.

Pyrethrum anomalum Lange, *Pug. pl.* I-IV (1860-1865) 125; et in *Kjoeb. Vidensk. Meddel.* (1861) 75.

Phalacrocarpum anomalum Cout., *Fl. Port.* (1913) 631.

Lencantheum oppositifolium Samp., *Lista Herb. Port.* (1913) 132.

(4) Na elaboração das estampas 101 e 102 da *Flore Portugaise* de Hoffmannsegg e Link, houve uma lamentável troca de figuras, que tem dado lugar a confusões. Assim, a estampa 101, referida a *Chrysanthemum sericeum* Hoffgg. et Link., representa *Ch. Herminii* Hoffg. et Link. = *Ch. oppositifolium* Brot., excepto nos pormenores (f. 1, 2 e 3), que correspondem, realmente, àquela espécie; e a estampa 102, referida a *Ch. Herminii*, representa *Ch. sericeum*, excepto nos pormenores (f. 1, 2 e 3), que, de facto, dizem respeito a *Ch. Herminii*. Esta interpretação, dada por Júlio Henriques in *Bol. Soc. Broteriana* II (1884) 141, está de perfeito acordo com o texto da obra de Hoffmannsegg e Link. Foi devido a esa troca de figuras que alguns autores indicaram erradamente *Ch. sericeum* Hoffgg. et Link. como sinónimo de *Ch. oppositifolium* Brot.



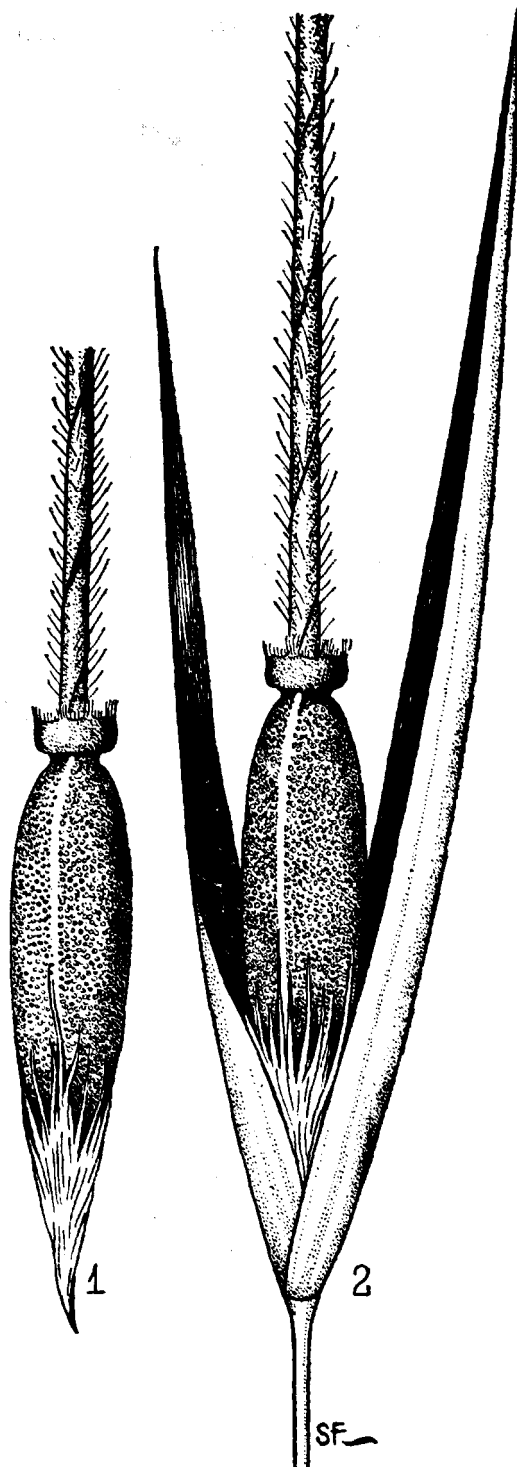
ESTAMPA I

EHRHARTA ERECTA Lam.

Fig. 1.—Exemplar do Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra. $\times 0,38$.

Fig. 2.—Flores de uma espiguetta. $\times 7,5$.

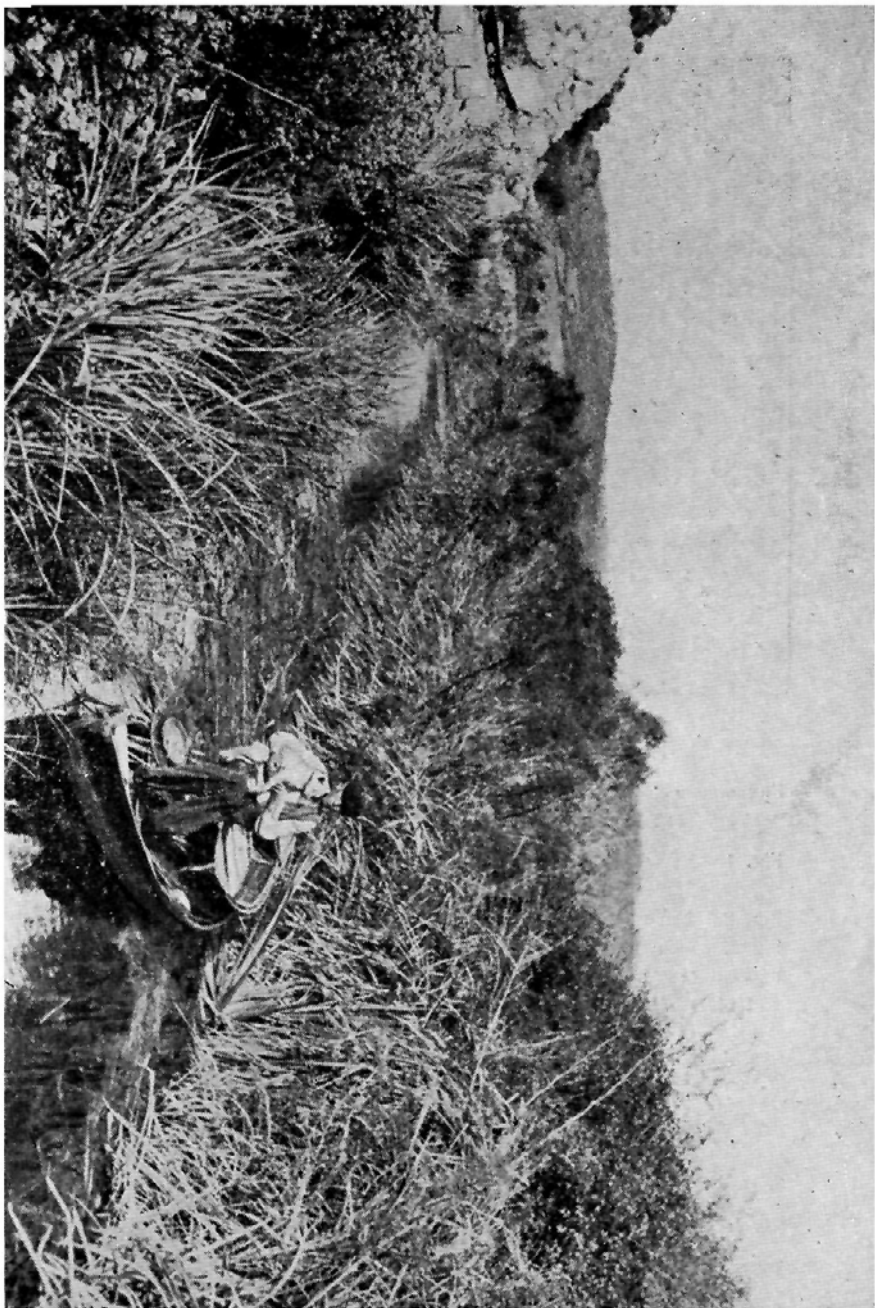
Fig. 3.—Espiguetta completa. $\times 7,5$.



ESTAMPA II

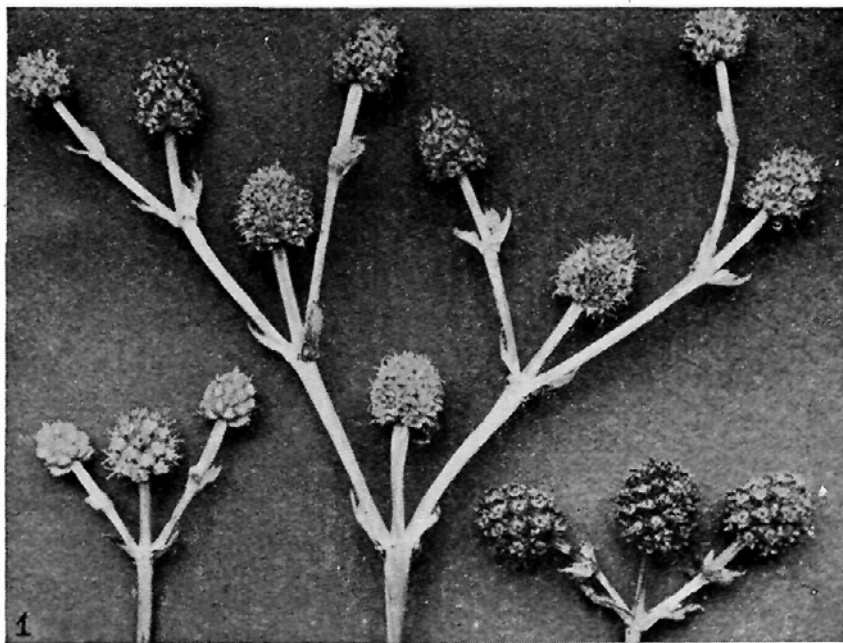
STIPA SETIGERA Presl.

Fig. 1.—Flor. $\times 6.5$.Fig. 2.—Espigueta. $\times 6.5$.



ESTAMPA III

Uma curiosa estação de *Eryngium pandanifolium* Cham. et Schlecht, em L. res,
p. Figueira da Foz. A planta invadeu completamente as margens de uma vala.

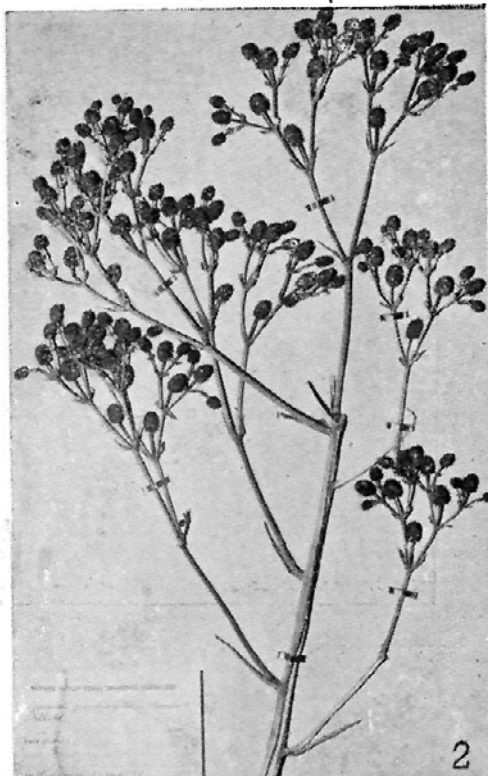


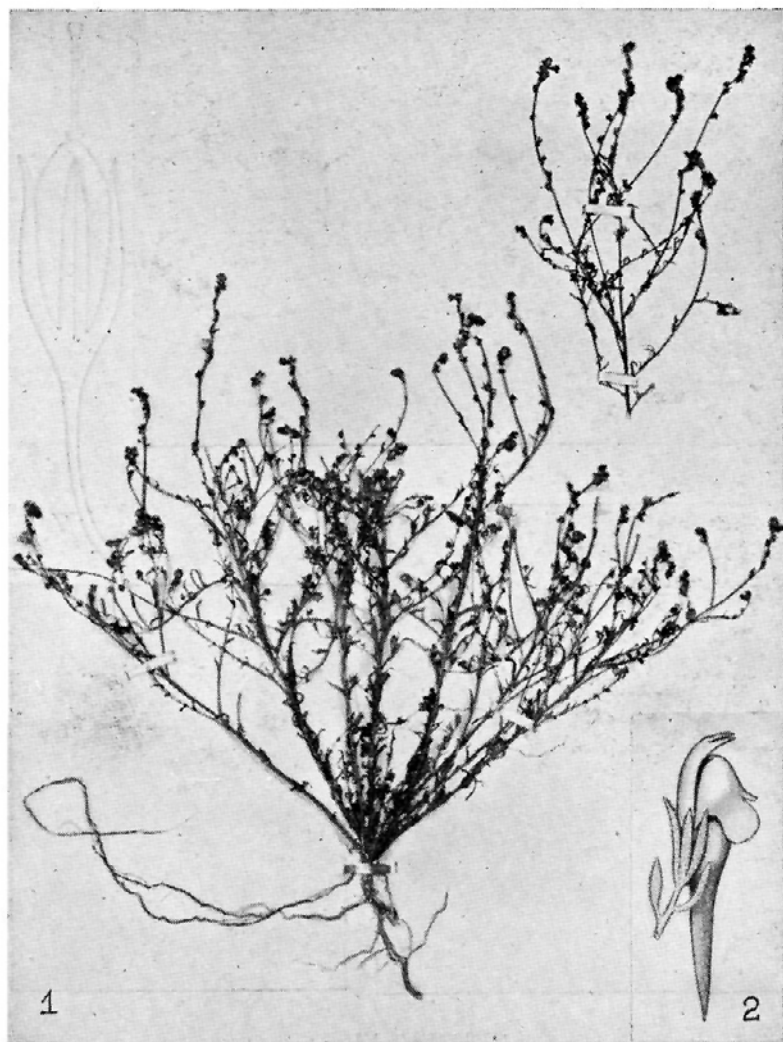
ESTAMPA IV

ERYNGIUM PANDANIFOLIUM Cham.
et Schlecht.

Fig. 1.—Ramificações terminais
da inflorescência. $\times 1,3$.

Fig. 2. Um ramo primário da
inflorescência. Exemplar do Her-
bário do Instituto Botânico da
Universidade de Coimbra.
 $\times 0,23$.





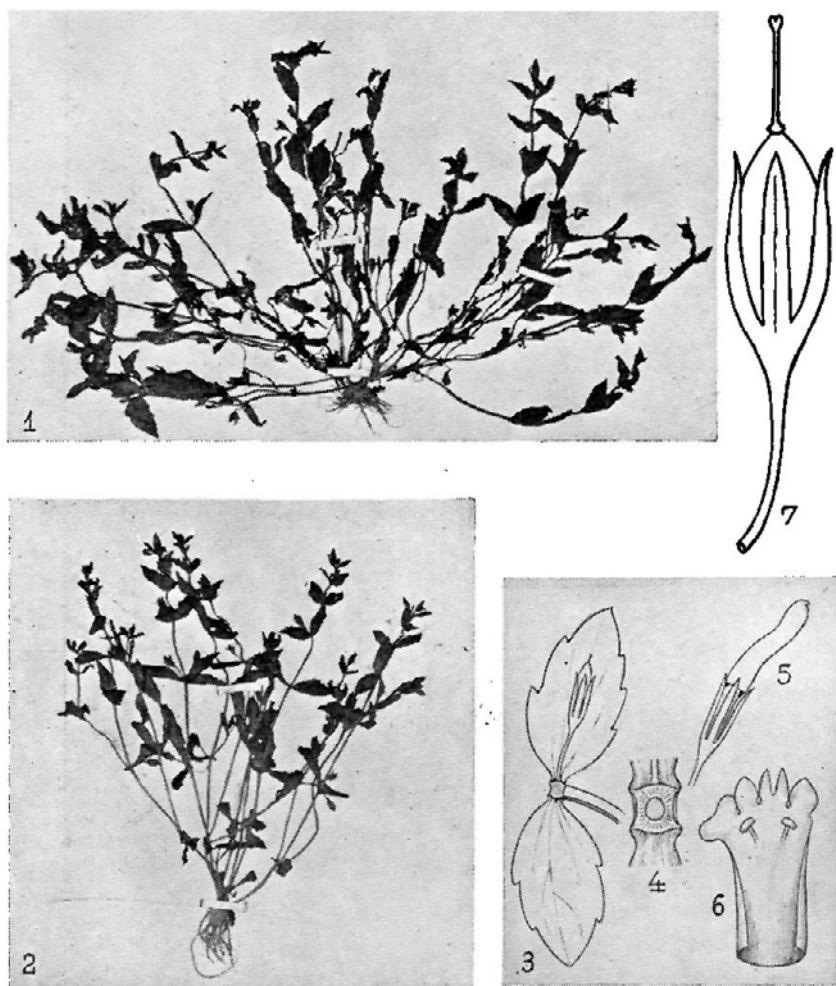
ESTAMPA V

LINARIA SAXATILIS (L.) Hoffgg. et Link.

var. *RUBELLA* (Mer.) Garcia

Fig. 1.—Exemplares do Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra. $\times 0,44$.

Fig. 2.—Flor. $\times 3,5$.



ESTAMPA VI

ILYSANTHES DUBIA (L.) Barnh.

Figs. 1 e 2.—Exemplares do Herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra. $\times 0,42$.

Fig. 3.—Fragmento do caule, mostrando duas folhas e um fruto. $\times 2,5$.

Fig. 4.—Aspecto macroscópico da secção de caule, efectuada pouco acima da inserção das folhas. $\times 7,5$.

Fig. 6.—Corola, aberta longitudinalmente, mostrando os estames, $\times 10$.

Fig. 7.—Fruto. $\times 7$.